

Distribuição restrita aos

Classificação :

Gabinetes e Secretário-Geral

Distribuição :

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

Publicação o Diário Periodicidade J
Dia 27-11-77 Pág.(s) 1 - 16 Tendência política _____

Primeiro-Ministro em terras da Reforma Agrária

P1
22/11
27.11.

MOURA — Primeiro-Ministro, Maria de Lourdes Pintasilgo, deslocou-se ontem de tarde ao distrito de Beja, em visita de informação e contacto com a realidade da Reforma Agrária.

Sendo-lhe impossível deslocar-se às obras da barragem de Alqueva, devido a um acidente sem consequências que sofreu à saída de Lisboa, Maria de Lourdes Pintasilgo visitou, em Moura, os locais onde proximamente ficarão instalados um lar para a terceira idade e um hospital.

Daqui, rumou a Pias, tendo visitado a UCP "a Esquerda Vencerá".

(Pág. 16)

Maria de Lourdes Pintasilgo visitou UCP «A Esquerda Vencerá»

P16
22/11
27.11.



CONTINUA →

MOURA (do nosso enviado David Lopes Ramos) — «Não há mal que não me aconteça! Isto deve ser alguma praga que me rogaram para eu não vir ao Alentejo, sabe?», respondeu, com um sorriso aberto, Maria de Lourdes Pintasilgo ao repórter de «o diário» que, à chegada do Primeiro-Ministro a Moura, lhe perguntou se já se encontrava totalmente restabelecida.

Esta primeira deslocação do Primeiro-Ministro a terras alentejanas, que correu sem quaisquer problemas, foi marcada por dois contratempos. O programa previsto para domingo à tarde, com início em Vila Viçosa, não pôde ser cumprido, devido a uma gripe ligeira da responsável pelo V Governo.

A visita de Maria de Lourdes Pintasilgo às obras da barragem de Alqueva, prevista para a manhã de ontem, não se concretizou porque, quando rumava ao Alentejo, à saída de Lisboa, o carro em que seguia o Primeiro-Ministro chocou com um carro-patrolha da GNR.

ALQUEVA NA HORA H

De qualquer modo, o ministro da Coordenação e Plano, Correia Gago, e o ministro da Indústria estiveram nas obras de Alqueva e ouviram exposições sobre a utilidade da obra e os problemas que se colocam à sua continuação.

O presidente do Conselho de Gerência da EDP, Ivo Gonçalves, e o director do Gabinete do Plano de Alqueva, Castro Fortes, entre outros, forneceram à comitiva governamental dados sobre o empreendimento, tendo Castro Fortes considerado que o actual governo tem «capacidade para tomar as decisões necessárias à continuação das obras» e afirmado que «estamos na hora H da tomada de decisões».

Ivo Gonçalves declarou ser necessária «uma decisão clara quanto ao financiamento da obra» e informou que a EDP não pode «tomar a responsabilidade do financiamento total da obra».

Convidado pela reportagem de «o diário» a pronunciar-se sobre o significado da visita a Alqueva, Correia Gago declarou:

«Espero que este Governo possa contribuir para esclarecer uma decisão final sobre o empreendimento. Tenho dúvidas, no entanto, que este Governo possa decidir em definitivo sobre a questão. A decisão envolve muitos Ministérios. O que está em jogo é muito importante. Não lhe dou opiniões pessoais, porque elas não são importantes».

Por sua vez, ouvido sobre o mesmo tema, o Primeiro-Ministro afirmou:

«Basicamente, o interesse da visita ao Alqueva foi verificar quais os obstáculos que existem nesta obra».

DOCE, MEL, QUEIJO E AZEITE

Em Moura, onde chegou às 15 horas, Maria de Lourdes Pintasilgo foi recebida pelas autoridades locais e por muitas crianças, jovens e mulheres, que rapidamente romperam a tímida segurança que protegia o Primeiro-Ministro.

Os diálogos a partir daí travados entre a responsável pelo V Governo e as pessoas que

a rodearam, enquanto visitou as futuras instalações do lar da terceira idade e as do infantário, são os que acontecem entre pessoas que se consideram iguais.

As crianças, alvoroçadas, gritavam à chegada do Primeiro-Ministro: «Aí vem ela, a Pintasilga!», e, uma mulher, depois de a ter cumprimentado, desejou: «Deus queira que a senhora esteja muito tempo lá!»

O futuro lar da terceira idade de Moura, que substituirá as actuais instalações (que, na expressão de um mourense, «são uma miséria»), ficará instalado na antiga cadeia, que fechou por falta de ocupantes. O infantário resultará da adaptação de um edifício que, disseram-nos, «já foi convento, quartel de tropa e agora casa de crianças».

A despedida de Moura

membros da respectiva direcção; inteirou-se sobre a vida interna da UCP; visitou a malhada e um local de criação de vitelos, onde se encontram algumas das mais de 12 mil cabeças de gado da «Esquerda Vencerá»; e trocou impressões com algumas das suas trabalhadoras.

O Primeiro-Ministro visitou ainda as obras que a UCP está a efectuar e o respectivo lagar de azeite. Da troca de impressões entre Maria de Lourdes Pintasilgo e trabalhadoras da UCP que andavam na apanha da azeitona registou-se o seguinte pedaço:

Primeiro-Ministro: «Porque é que os homens varejam e as mulheres apanham a azeitona?»

Mulheres: «Porque eles não querem andar dobrados!»

Depois de mais algumas palavras, Maria de Lourdes Pintasilgo disse: «Qualquer dia tem que se fazer essa Revolução: as mulheres varejam e os homens apanham a azeitona».

Com toda a gente visivelmente à vontade, um trabalhador explicou:

«Bem, somos nós a varejar porque é preciso subir às árvores. Além disso, nós não somos tão

devam ser substituídas; que há que aprofundar a questão de criação do gado, e «isso ainda não está resolvido» concluiu.

«ESTAMOS SATISFEITOS COM A VISITA»

Manuel do Rosário Moura e António Calado Caero, da direcção de «A Esquerda Vencerá» consideraram «positiva» a visita do Primeiro-Ministro.

«Nós — disseram — achamos bem que a senhora Primeiro-Ministro tenha decidido vir ver com os próprios olhos. Os trabalhadores até estão satisfeitos com a visita. Estamos dispostos ao diálogo. Quando vemos uma pessoa que se dispõe ao diálogo, ficamos satisfeitos».

Aqueles dois dirigentes informaram ainda a nossa reportagem que há três pedidos de reservas sobre terras actualmente integradas na UCP que, a serem concretizadas, põem em risco o futuro dos seus 476 trabalhadores efectivos, uma vez que inviabilizarão «A Esquerda Vencerá».



Falava-se do varejo e da apanha da azeitona. Sobre o tema, Maria de Lourdes Pintasilgo tinha opiniões coincidentes com as das trabalhadoras da UCP «A Esquerda Vencerá»

ofereceram ao Primeiro-Ministro, em nome do concelho, um doce, mel, queijo e azeite. As crianças deram-lhe um vaso com uma planta. Maria de Lourdes Pintasilgo, satisfeita, mas também embaraçada, agradeceu e, referindo-se ao mel e ao queijo, observou:

«Vão ficar para um dos intervalos do Conselho de Ministros!»

«SÓ QUEREMOS AJUDAR NA PRODUÇÃO»

Deixada Moura, a comitiva do Primeiro-Ministro dirigiu-se a Pias, para visitar a UCP «A Esquerda Vencerá». Aí, Maria de Lourdes Pintasilgo foi recebida por

desembaraçados como as mulheres a apanhar as azeitonas varejadas!»

O Primeiro-Ministro preparava-se para abandonar as instalações da UCP, mas as mulheres ainda tinham alguma coisa para lhe dizer. E disseram:

«A gente quer trabalhar o ano inteiro, não só três meses. Só queremos ajudar na produção e não queremos ser maltratadas. A gente passou tanta fome antigamente. Não queremos agora ser maltratadas. A gente quer é matar o corpo a trabalhar».

Em resposta, o Primeiro-Ministro defendeu ser necessário «ver a melhor maneira, com calma e bom entendimento, de isto andar para a frente». Mas frisou que «também é preciso ver o que se pode e deve produzir». Falou que há culturas tradicionais que, talvez,

Em contacto com os jornalistas, Maria de Lourdes Pintasilgo inseriu esta sua visita a terras alentejanas no conjunto de visitas que tem vindo a fazer pelo País. Trata-se, lembrou, fundamentalmente de visitas de carácter informativo, sendo aproveitadas, sempre que é caso disso, para desbloquear situações e resolver questões às vezes paralisadas pela burocracia.

O Primeiro-Ministro, que também visitou já ao fim da tarde, a cooperativa agrícola «Fonte dos Frades», perto de Beja, concluiu a sua troca de impressões com jornalistas sublinhando que, nas suas deslocações, nomeadamente as feitas já no período eleitoral, tem sentido «uma normalidade de vida, que significa confiança e esperança no futuro de Portugal. O que, como balanço, é mais que positivo».

